

FOLHA DE S.PAULO



Cidade berço do método Paulo Freire relembra cerco que a fez queimar livros do educador

Medidas foram adotadas por alunos de Angicos (RN) quando regime militar vetou as obras nos anos 60

3.fev.2020 às 8h00

Atualizado: 3.fev.2020 às 11h36

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2020/02/04/>)

Marcel Rizzo (<https://www1.folha.uol.com.br/autores/marcel-rizzo.shtml>)

ANGICOS (RN) Maria Eneide Araújo, 63, escondeu seus cadernos embaixo do colchão. Não queria perder a recordação da alfabetização, mas não teve jeito. Os boatos de que aquelas anotações poderiam levar seu pai Severino e sua mãe Francisca presos após o golpe militar de 1964 fizeram com que Eneide as entregasse e todas foram queimadas.

Em Angicos, no sertão do Rio Grande do Norte, outras pessoas fizeram o mesmo naqueles meados dos anos 1960: quem não queimou, enterrou cadernos e livros que os ligassem às aulas que receberam dos monitores orientados por Paulo Freire, (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/por-que-o-brasil-de-olavo-e-bolsonaro-ve-em-paulo-freire-um-inimigo.shtml?origin=folha>) que acabou preso e depois exilado pelo novo regime por ser considerado comunista.

A cidade potiguar recebeu em 1963 o primeiro experimento do método criado pelo educador para alfabetização de adultos e o objetivo era ambicioso: ensinar a ler 300 pessoas em 40 horas de aulas, em projeto que por isso ficou conhecido como as 40 horas de Angicos.

Passados 57 anos, Freire e seu método baseado no uso de palavras e vivências do cotidiano dos alunos é hoje o principal alvo da política educacional do governo federal.

O presidente Jair Bolsonaro já se referiu

(<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/bolsonaro-defende-cancelamento-da-tv-escola-e-diz-que-canal-deseduca.shtml>) recentemente ao pernambucano, morto em 1997, como

"energúmeno" e o ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou várias

vezes (<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/11/weintraub-mira-pt-esquerda-e-imprensa-em-intensa-participacao-em-redes-sociais.shtml>)

que o governo quer acabar com qualquer resquício da teoria nas escolas brasileiras.

Em Angicos, porém, Freire é onipresente. Na entrada da cidade, quando se sai da BR-304 que liga a cidade de pouco mais de 11,5 mil habitantes à capital Natal (190 km), há um portal com uma frase do educador, de 1993, quando esteve por lá naquele ano para receber o título de cidadão angicano: "Nunca me senti tão acolhido como aqui", diz um trecho.

Já alguns quilômetros à frente, ao lado da pequena rodoviária, fica a Casa de Cultura Popular Professor Paulo Freire, na construção da antiga estação férrea que foi transformada em um local para tentar resgatar a passagem de Freire e seus monitores por ali.

"A história ficou um bom tempo esquecida na cidade. O resgate começou há uns dez anos, com a chegada da universidade", conta a professora Cinara Dantas, que já foi secretária de educação da cidade.

A Ufersa (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) tem sede em Mossoró (RN), mas possui um campus em Angicos com cursos como engenharia e pedagogia. Em 2013, um documentário foi produzido pela Ufersa para comemorar os 50 anos do projeto.

Dos 300 alunos que tiveram aulas com 20 monitores, todos voluntários, nos primeiros meses de 1963, 16 ainda estão vivos e moram em Angicos.

Maria Eneide Araújo tinha seis anos quando ia às aulas com seus pais. O foco, claro, era alfabetizar adultos, mas a garotinha à época era usada pelos

professores como um estímulo para que os familiares saíssem de casa à noite para estudar.

"As palavras eram projetadas na parede [por meio de slides]. Por exemplo: tijolo. Os professores explicavam como era fabricado, onde era usado, quanto custava, e com isso as letras e sílabas eram trabalhadas. Outra palavra muito usada foi belota, e muita gente que vem aqui nem sabe o que é. É bem local mesmo, aqueles adereços coloridos que enfeitamos as redes de dormir", disse Eneide, que continuou os estudos e se tornou professora.

Os monitores identificaram mais de 300 palavras do vocabulário local para serem usadas nas aulas e incluíram outras que achavam importante, como voto, para trabalhar conscientização social e política que também fazia parte do método de Freire.

Eneide teve participação especial na aula de encerramento que teve a presença de Paulo Freire, que não esteve em Angicos o tempo todo durante o curso, e do presidente João Goulart.

"Ele [o presidente] pediu para eu ler uma notícia de um jornal para mostrar que tinha aprendido. Li e ele me disse que eu poderia pedir um presente e eu pedi uma bolsa para levar meus cadernos às aulas", contou Eneide. Ela recebeu o presente.

Goulart, que seria retirado pelos militares da presidência um ano depois, tinha interesse em nacionalizar o método que o governo do Rio Grande do Norte estava patrocinando --a escolha de Angicos se deu porque o governador potiguar à época, Aluizio Alves, era natural da cidade. Apesar de conservador, Alves topou experimentar a ideia de Freire, que já era taxado de comunista, porque tinha sido eleito com a promessa de alfabetizar 100 mil pessoas.

Havia também o interesse político, já que analfabetos não votavam e a maioria dos 300 alunos das 40 horas de Angicos aprendeu, ao menos, a assinar o nome, o que já daria direito a participar de eleições.

As aulas eram dadas em casas emprestadas por moradores ou prédios públicos. Até a delegacia foi usada. "Eles passavam pelas ruas avisando que teria as aulas, que seria de graça e perguntando onde teria um prédio que pudessem usar. Me perguntaram e eu disse olha, tem aquele ali, a delegacia, é só falar com o delegado", disse Geraldo Souza, 90.

Ele, que trabalhou na roça a vida toda, frequentou as aulas justamente na delegacia, junto com soldados e alguns poucos presos. Aprendeu a ler o básico e a escrever o nome e pôde votar. Esteve nas urnas na última eleição, em 2018, mas diz que agora não pretende mais comparecer (o voto é facultativo após os 70 anos). "Já estou velho".

"Minha mãe me proibiu de ir, mas eu ia às aulas escondida. Ela dizia que era coisa de comunista, que a conversa na cidade era essa. Depois meu pai descobriu e apoiou, disse que era bom aprender", contou Francisca de Brito, 75. Ela frequentou as aulas com 18 anos, gostou do que aprendeu e seguiu os estudos até o fim do que hoje é o ensino fundamental. "Aprendi a ler por causa do Paulo Freire, graças a ele, e hoje consigo ler a palavra de Deus", disse Brito, evangélica.

Em 1963, Angicos tinha uma escola e mais de 90% da população era analfabeta. Hoje são seis municipais, três estaduais e duas particulares -- segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a taxa de escolarização dos 6 aos 14 anos é de 96,4%, o que coloca o município apenas na 134ª colocação entre as 167 cidades potiguares.

Uma das escolas da cidade é a Professor José Rufino, no centro, que em 1963 recebeu a aula de encerramento com a presença de João Goulart. Hoje há um mural com fotos de Paulo Freire na cidade em 1993, mas as recordações de 1963 são mínimas.

Com cadernos e anotações queimados ou enterrados, há poucos registros das 40 horas de Angicos: uma cadeira onde Paulo Freire sentou, que está na Casa Popular, ou uma foto que Maria Eneide Araújo tem em um panfleto em que ela está lendo o trecho do jornal pedido por Jango. "Se teve algo de ruim foi que foi rápido demais, acabou logo. Era muito bom aprender", disse Francisca de Brito.

sua assinatura pode valer ainda mais

Você já conhece as vantagens de ser assinante da Folha? Além de ter acesso a reportagens e colunas, você conta com newsletters exclusivas ([conheça aqui \(https://login.folha.com.br/newsletter\)](https://login.folha.com.br/newsletter)). Também pode baixar nosso aplicativo gratuito na [Apple Store \(https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711\)](https://apps.apple.com/br/app/folha-de-s-paulo/id943058711) ou na [Google Play \(https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.folha.app&hl=pt_BR) para receber alertas das principais notícias do dia. A sua assinatura nos ajuda a fazer um jornalismo independente e de qualidade. Obrigado!

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/em-cidade-do-rn-livros-foram-queimados-e-enterrados-para-esconder-alfabetizacao-de-paulo-freire.shtml>